
WALLACE, Robb. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução de Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020,608p.

NOGUEIRA, Kleiton Wagner Alves da Silva¹

A Pandemia de Covid-19 sem dúvida alguma forneceu elementos empíricos para que não apenas as Universidades e centros de pesquisa espalhados pelo mundo realizassem a publicação de estudos e investigações nas mais diversas áreas do conhecimento. Do campo da literatura realista aos artigos publicados em periódicos acadêmicos, passamos a acompanhar uma verdadeira enxurrada de conteúdo sobre a pandemia. Todavia, é preciso chamar atenção a um fato, que apesar de nítido, às vezes passa despercebido pela leitura e reflexão das pessoas: a qualidade das produções. Quando coloco esse tema em tela, quero me referir não apenas a forma, ou seja, questões estilísticas, textuais e de apresentação, mas também ao conteúdo, o que está se debatendo em determinada obra, quais seus apontamentos, dados empíricos, e perspectiva teórica, no caso das produções científicas. Essas reflexões são essenciais, especialmente num momento em que a internet nos tem fornecido uma gama de conteúdos que mal conseguimos absorver, tendo em vista que todos os dias somos bombardeados sobre escritos, reflexões, notícias, *podcasts*, matérias, além da atenção que o mercado editorial tem dado sobre o tema da pandemia com a produção de livros. Dentro desse debate, gostaria de chamar atenção para o livro **Pandemia e Agronegócio: Doenças Infecciosas, Capitalismo e Ciência**, de autoria do biólogo estadunidense Robb Wallace. O livro foi lançado no Brasil no ano de 2020 pela editora Elefante, que desde 2011 se lançou no mercado editorial de forma independente.

O título original da obra em Inglês é ***BIG FARMS MAKE BIG FLU: Dispatches on Infectious Disease, Agribusiness, and the Nature of Science***, sendo lançado no ano de 2016 pela revista socialista independente *Monthly Review*, sediada na cidade de Nova York e que desde 1949 tem publicado conteúdos críticos ao capitalismo, nas mais diversas esferas do conhecimento. Nesse sentido, chamo atenção para um dos primeiros pontos da minha argumentação do motivo pelo qual indico o livro de Wallace: A obra se trata de uma

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). E-mail: kleiton_wagner@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5238-5262>

análise crítica, que vai a fundo aos meandros do modo de produção capitalista e consegue demonstrar através de uma visão de totalidade como pandemia e agronegócio estão intimamente vinculados.

O segundo ponto que irei destacar é justamente a forma do livro, trata-se da reunião de artigos e reflexões do autor sobre epidemiologia, alimentação, modo de produção capitalista e doenças, que são costurados por um viés crítico, e mesmo sendo uma reunião de reflexões, o autor consegue transmitir uma linha de raciocínio comum aos textos.

O terceiro e último ponto, e não por isso menos significativo é a inserção que o autor faz da Geografia na análise e visualização de fenômenos epidêmicos, e nesse sentido, avalio que a obra é indicada para alunos de graduação e pós-graduação da Geografia e áreas correlatas.

Ao possuir um total de oito partes que somadas resultam em 608 páginas numa diagramação que fornece ao leitor comodidade, o livro possui uma escrita leve, e mesmo que o conteúdo seja complexo, o autor possui como característica a didática, o que fornece suavidade na escrita ao ponto que o leitor vai se debruçando sobre o livro e nem percebe o quanto está avançando na leitura. Os elementos críticos, conforme apontado no parágrafo anterior é uma das principais características da obra, devido sua experiência em atuar como pesquisador e também ter trabalhado na realização de consultorias à Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e para o Centro de Controle e prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, sem nunca perder o viés crítico e empírico de suas afirmações, tornam Wallace um profundo conhecedor das especificidades geopolíticas associadas a patologias com impacto pandêmico.

Dessa maneira, na primeira parte do livro percorremos um itinerário de informações acerca da forma como a Organização Mundial de Saúde (OMS) sofre pressão de outras agências e de frações da burguesia internacional, especialmente a vinculada ao agronegócio e ao mercado financeiro. Segundo Wallace essa organização não tem de fato uma autonomia financeira, recebendo doações de países membros, o que para o autor coloca a organização numa posição de submissão frente a diversos interesses. Além dessa relação, há casos em que países demoram ou não concedem informações sobre o surgimento de possíveis doenças com potencial pandêmico, tendo em vista “preservar” as relações comerciais derivadas do agronegócio. Esse setor para o autor apresenta um elevado potencial de geração de microrganismos potencialmente perigosos à saúde dos

seres humanos e com o advento das inovações tecnológicas e a produção em larga escala de proteína animal, muitos animais vivem em ambientes minúsculos, e recebem altas dosagens de medicamentos para o rápido crescimento o que tem influenciado para promover uma maior resistência de vírus e bactérias. A esse modo, tais reflexões trazem para o leitor a observar como no capitalismo, sob o imperativo do lucro e da produção irracional, as empresas fazem uso de mecanismos e tecnologias para gerar uma maior acumulação de capital.

Já na segunda parte da obra o autor vai se debruçar sobre casos específicos de patologias com alto potencial de disseminação que ocorreram na história e que merecem análise e revisitação. O vírus da *influenza*, por exemplo, é observado por Wallace sob uma lógica transdisciplinar, que exige “múltiplos níveis de organização biocultural”. Nesse sentido, a Geografia é citada como uma ciência que fornece a oportunidade de observar a forma de organização da sociedade, a Geografia Humana e em especial a Geografia Econômica seriam formas de pensar que ajudam os cientistas a apreenderem melhor a realidade das distintas formações econômico-sociais existentes no globo terrestre. As mudanças na agricultura mundial, sua correlação com o mercado financeiro, a produção de *Commodities*, desenvolvimento da urbanização, altas taxas de densidade populacional e destruição de ambientes naturais alteraram se sobremaneira o espaço geográfico mundial trazendo novos desafios aos cientistas e a própria sobrevivência humana.

Na terceira e quarta parte do livro Wallace mostra que o surgimento de patógenos possui como implicação a junção de tempos históricos diferentes, práticas e processos acumulados no tempo e no espaço. Ao tomar como base o pensamento do filósofo marxista húngaro István Mészáros o autor vai discorrer que a humanidade está passando por uma profunda crise estrutural do modo de produção capitalista, no qual tanto sociedade, economia e meio ambiente estão na iminência de colapsos, e o surgimento de pandemias seria uma manifestação desse fenômeno. Nessa correlação, o conhecimento também não foge da crítica do autor, tendo em vista que a correlação entre ciência e capitalismo estão intimamente vinculadas, colocando em questão as concepções que advogam uma suposta neutralidade científica.

As temáticas à biodiversidade e produção capitalista de alimentos é ponto de atenção na quinta e sexta parte do livro. Wallace demonstra a contradição do capitalismo que consegue produzir toneladas de *commodities* ao mesmo tempo em que permite milhares de pessoas passarem fome e não terem acesso aos elementos básicos de uma vida digna,

reflexão que lembra as críticas lançadas, ainda no século XIX, pelo geógrafo brasileiro Josué de Castro a respeito da fome no mundo e no Brasil. Dentro desse quadro, o lucro das grandes corporações do agronegócio, segundo o autor, só é possível uma vez que os Estados, através de acordos comerciais e subsídios estatais, permite a atuação dessa lógica que prioriza o lucro. Um exemplo dessa relação é facilmente entendida por nós no caso da pandemia de A(H1N1) nos qual as pesquisas indicam a proliferação do vírus *influenza* em fazendas de produção de proteína animal, mas quando ocorre de fato surtos que alcançam níveis pandêmicos, é a própria classe trabalhadora a mais prejudicada, e o Estado através de socorros financeiros aportam o capitalismo, desconsiderando que há uma responsabilidade inerente a estruturação da forma como tais empresas produzem alimentos e se relacionam com o meio ambiente. Na sexta parte em específico da obra Wallace vai nos apresentar sua ideia de uma “*one Health estrutural*”, uma “abordagem científica totalizante” que fornece a capacidade de compreensão das pandemias e inclui “todos os processos subjacentes às ecologias da saúde, tais como a propriedade e a produção, remanescentes históricos de longa duração e a infraestrutura cultural por trás das mudanças na paisagem que produzem ameaças à saúde” (WALLACE, 2020, p.440).

Por último, na sétima e oitava parte do livro há um balanço das mudanças em curso que o neoliberalismo tem promovido na sociedade. Ao citar o caso do Ebola no continente africano, Wallace chama atenção para a correlação entre ecologias locais e o fluxo de circulação do capital em nível mundial e defende a ideia de que algumas paisagens geográficas estão inseridas em circuitos locais de produção, outras produzem explorações agrícolas internacionais e são influenciadas pelo imperativo do capitalismo. Nesse ponto em específico do livro, observamos que a Categoria paisagem é retomada por Wallace como aporte metodológico no estudo das pandemias. Aqui a Geografia tem uma função crucial, ao ser uma ciência que tem como objeto de investigação o espaço geográfico, consegue aglutinar em sua epistemologia tanto elementos físicos quanto humanos, a abordagem interdisciplinar dessa ciência também favorece a análise de fenômenos que ocorrem em escala global, regional e local. Chamo atenção a esse fato porque em diversas passagens do livro percebi a presença de argumentações que Wallace faz e que tem na Geografia uma base argumentativa sólida. O autor procura demonstrar a necessidade de investigações que considerem Geografias relacionais, ou seja, na atenção que os cientistas devem dar a enfermidades associadas a geografias locais, mas que nunca se limitam às fronteiras de um determinado território. Na oitava parte do livro temos acesso a reflexões sobre a pandemia

de Covid-19 no qual o autor reforça o seu surgimento atrelado às mudanças na produção e uso do solo vinculado ao agronegócio. A monocultura de capital intensivo tem impulsionado o aumento do desmatamento tem alterado biomas que antes viviam em harmonia, causando assim, desequilíbrios socioambientais.

Diante dos principais pontos destacados no livro, e tomando como aporte metodológico a observação quanto à forma e o conteúdo, sem dúvida alguma a obra é indicada para estudantes de graduação e pós-graduação das mais diversas áreas, com destaque para a Geografia. Categorias como espaço geográfico, território, escalas e paisagem são acionadas pelo autor a todo instante de forma transdisciplinar no qual abarca a noção de totalidade. Disciplinas como Geografia da Saúde podem ter no livro pontos de reflexão profícuos para o entendimento das correlações espaciais entre surgimento de patógenos e categorias analíticas da Geografia. Além disso, o leitor terá em mãos um livro crítico, repleto de informações e dados empíricos que reforçam os argumentos do autor. Ademais, a crítica que Wallace faz ao capitalismo e a forma como a sociedade tem se relacionado com o meio ambiente, os constantes ataques do neoliberalismo e a degradação da vida da classe trabalhadora são assuntos bem explorados, que fornecem uma linha de raciocínio que vai à raiz das questões ao refletirem sobre a comodificação da vida, ou seja, como no capitalismo tudo acaba virando mercadoria e fonte de acumulação de capital, inclusive a saúde, alvo de privatizações e austeridade nos últimos quarenta anos.

Por fim, é preciso destacar que a tradução do livro chega num momento crucial para estudantes, professores e pesquisadores. A possibilidade de entender as relações estruturais que promovem pandemias no século XXI destrói qualquer ilusão que essa será a única e última pandemia, como demonstra Wallace, a produção de patógenos dentro da lógica do capital esta intimamente vinculada ao imperativo do lucro e de uma produção irracional que desconsidera a vida e alça o lucro como o objetivo maior das relações sociais de produção.